

“Dou graças a Deus de estar conseguindo chegar até na escola”: A motivação e os desafios do idoso para ter acesso à educação.

“I thank God that I am even able to get to school”: The motivation and challenges of the elderly in accessing education.

Julio Cesar de Moura Dias¹

Julia Herdy Lopes Dias²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo responder quais motivos levam idosos a buscar a formação escolar na EJA em uma escola da periferia de Macaé? Para tanto usamos como metodologia narrativas autobiográficas coletadas nos depoimentos de um grupo de estudantes idosos matriculados na EJA do Colégio Municipal Pedro Adami, localizado na região serrana do município de Macaé. A partir de um levantamento de suas motivações, observando as situações que os afastaram da escola na infância e dificuldades encontradas para buscar formação escolar. Este artigo é um recorte da nossa dissertação de mestrado na qual trazemos a narrativa da estudante Dona Tarsila (nome fictício) como base para nossa questão central.

Palavras-chave: EJA Macaé. Estudante idoso. Motivação

Abstract: This article aims to address the reasons why elderly individuals seek educational opportunities through Adult Education (EJA) at a school in the outskirts of Macaé. To achieve this, we used autobiographical narratives collected from interviews with a group of elderly students enrolled in the EJA program at Pedro Adami Municipal School, located in the mountainous region of Macaé. By examining their motivations, the circumstances that led them away from school in their childhood, and the difficulties they encountered in pursuing education, this article provides a section of our master's thesis. It uses the narrative of the student Dona Tarsila (a fictitious name) as the basis for our central question.

Keywords: EJA Macaé. Elderly student. Motivation.

“Hoje eu dou graças a Deus de estar conseguindo chegar até na escola”: Sobre narrativas autobiográficas

Inicialmente, para **identificar os narradores que responderiam nossa questão de pesquisa** realizamos uma atividade autobiográfica³, com a qual fizemos uma coleta primária de informações, noções, perspectiva e expectativas, realizadas com o grupo de estudantes da turma de 1º segmento do ensino fundamental da EJA e dos estudantes idosos matriculados em outros segmentos. Obtemos, assim, algumas respostas sobre as questões pesquisadas. Esta atividade foi fundamental para identificar os sujeitos a serem pesquisados e suas narrativas autobiográficas. Assim identificamos os informantes chave:

Sobre as narrativas autobiográficas, Souza (2007) afirma que esta veio da necessidade de se ter uma alternativa de abordagem científica menos positivista

¹ Universidade Federal Fluminense – Programa de Pós-Graduação em Educação • Niterói, RJ — Brasil • ✉ juliocmdias1970@gmail.com • ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8212-0190>

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores • São Gonçalo, RJ — Brasil • ✉ juliahldias2002@gmail.com • ORCID <https://orcid.org/0009-0000-8837-9614>

³ Atividade Estrela da Vida, onde os estudantes confeccionam uma estrela e em cada ponta descreve um momento importante da sua vida.

A valorização dessas fontes ocorreu no bojo da alteração paradigmática produzida a partir das dúvidas levantadas sobre a capacidade, do conjunto de referências teóricas e metodológicas das ciências naturais, de dar conta da compreensão dos fenômenos sociais. Problematicou-se, então, a noção de cientificidade a partir da contestação do positivismo que, até então, constituía-se como ideia reguladora hegemônica na produção do conhecimento válido (SOUZA, 2007, p. 61).

Esta metodologia se mostrou um verdadeiro desafio, pois precisávamos desenvolver uma escuta sensível, que para Barbier (2002) tem como base a empatia, onde o pesquisador deve reconhecer do lugar do outro a compreensão das questões abordadas durante as entrevistas.

A escuta sensível começa por **não interpretar**, por suspender todo julgamento. Ela procura compreender, por “empatia”, o sentido que existente em uma prática ou situação, segundo o “algo mais” (o “surplus”) rogeriano. Escuta sensível aceita **surpreender-se pelo desconhecido** que, incessantemente, anima a vida. Por isso, ela questiona as ciências humanas e continua lúcida sobre suas fronteiras e zonas de incertezas (BARBIER, 2002, p. 3 – grifo do autor).

Na perspectiva da escuta sensível, nós, enquanto pesquisadores, deixamos nossas crenças pré-estabelecidas de lado, isto é, o que acreditávamos que seriam as respostas corretas, e observamos com atenção intensa aquilo que o narrador nos traz como resposta.

O objeto da pesquisa biográfica é o de explorar os processos de gênese e de vir-a-ser do indivíduo num espaço social, mostrar como eles dão forma as suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 71).

Assim, observar o fato narrado pela perspectiva do narrador é algo de bastante relevância. E como defende Bourdieu (1998, p. 183), "falar de uma história de vida é, pelo menos pressupor - e isso não é pouco - que a vida é uma história". Ao mesmo tempo, não devemos esperar uma história contada de forma cronológica e absolutamente precisos, pois o narrador vai acrescentando ou tirando a relevância dos fatos por ele narrados.

1 *“A dificuldade é grande, mas eu acho importante para gente tentar terminar os estudos”:* **Os desafios da EJA.**

Favero e Semeraro (2011) defende que, para compreendermos a EJA é preciso entendermos o que é política pública na EJA. Assim, o autor nos chama a atenção que políticas públicas não se limitam apenas as ações desenvolvidas pelo ente público.

É mais correto, no entanto, entender políticas públicas como uma junção das iniciativas do Estado ou melhor, da sociedade política com as ações e pressões da sociedade civil organizada, que se dirigem ao Estado para exigir a garantia de direitos ou implementá-los por meio de outras alternativas. No caso das políticas de Educação de Jovens e Adultos, em particular, é muito importante ter em vista, simultânea ou comparativamente, essa dialética entre poderes, ou seja, entre a sociedade política e a sociedade civil organizada (FAVERO e SEMERARO, 2011, p. 29).

Assim, a atuação da sociedade civil é fundamental para garantir o desenvolvimento e a continuidade da EJA. Porém esta vem, ao longo dos anos, sendo desarticulada, apesar da constituição de 1988 (Art. 205) que colocou a educação como direito de todos e dever do estado, a LDB (Art. 37 § 2º) que coloca sobre o poder público a responsabilidade de facilitar e viabilizar

o acesso e a permanência na EJA e o parecer CNE 11/2000 que estabelece os conceitos e as funções da EJA.

Com tudo isso, ao observarmos os estudantes idosos matriculados na EJA, nos deparamos com indivíduos que, quase sempre, durante todo o seu percurso de vida tiveram seu direito de estudar cerceado por uma sociedade que exclui e ao mesmo tempo que desenvolve ações descontinuadas, pontuais e pouco objetivas.

Concluindo este ponto cabe destacar as ações do Governo do Presidente Bolsonaro (2019/2022) que se mostrou bastante insensível com a EJA, pois extinguiu a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), que tinha por finalidade fomentar políticas para a EJA junto aos estados e municípios e o encerramento de programas como o Projovem ou o Brasil Alfabetizado, o que, com certeza, contribuiu para o fechamento de turmas de ensino noturno em diversos municípios. Esta redução da oferta de EJA atinge grande parte das pessoas que querem retomar, ou iniciar os estudos.

2 “Porque aos sete anos eu tinha que trabalhar “: Dona Tarsila

Dona Tarsila (62 anos), estudante da Fase 3, que concluiu o ensino médio em julho de 2019. Se apresenta como negra, evangélica, divorciada, mãe de 4 filhos. Vive com a filha mais nova em casa própria localizada no bairro Sol e Mar (região central do município de Macaé), distante aproximadamente 40 quilômetros do Colégio Municipal Pedro Adami (CMPA). É auxiliar de serviços gerais e sua renda mensal é inferior a um salário mínimo.

A entrevistamos no dia 10 de junho de 2019, em sua casa. Toda as suas narrativas foram registradas em vídeo que foram posteriormente analisadas nas reuniões do Grupo de Pesquisa em Educação de Jovens, Adultos e Idosos da Universidade Federal Fluminense (GPEJA). E nesta análise destacamos algumas categorias as quais apontaremos a seguir:

- Observações sobre questões de gênero

A questão de gênero foi mencionada e todas as narrativas (lembrando que na pesquisa analisamos 3 estudantes), mesmo que por situações ou abordagens distintas. Mas foi um fator importante que afastou estes estudantes da escola na infância.

Dona Tarsila trabalhou fazendo serviços domésticos desde muito jovem e um dos fatores que a afastaram da escola (quase que) definitivamente foi quando ficou grávida de sua primeira filha, só retornando à escola com mais de 50 anos.

- A valorização do trabalho em detrimento da educação.

A questão do trabalho também foi comum aos três entrevistados. Seja por necessidade, imposição ou vontade própria, observamos que o trabalho os afastou da escola quanto estes ainda eram crianças (e/ou jovens), e que só agora, idosos, puderam estudar.

Com Dona Tarsila a situação foi mais grave, pois desde muito criança ela tomava conta dos irmãos para a mãe trabalhar. Depois, com apenas sete anos, a mãe a entregou a uma família para que a criassem "como uma filha". Mas, na verdade, a "senhora" a obrigava a realizar todas as tarefas da casa, e quando ela passou a frequentar a escola, estava tão exausta que dormia nas aulas.

Porque aos sete anos eu tinha que trabalhar: Minha mãe não podia,..., ela tinha que trabalhar e eu tinha que tomar quando minha irmã, mais nova. Ai aos sete anos ela me botou na casa de uma senhora para mim tomar conta de criança. E aos sete anos eu até tentei estudar. Ela me

colocou na escola, mas eu chegava na hora e já tava tão cansada que eu tinha que ficar tomando conta de criança eu chegava na escola não consegui aprender nada direito. Aí não prestava atenção. As vezes ficava cochilando na sala de aula e não estudava. Aí tentei, tentei, mas parei (Dona Tarsila).

Não conseguimos descrever esta forma de trabalho de outra forma que não fosse trabalho escravo, pois neste período, que durou 7 anos, ela não recebia qualquer tipo de remuneração e era humilhada, tratada de maneira depreciativa, com agressividade, chegando inclusive a sofrer violência física.

Que eu entrei na casa dela com sete anos. E lá ela pegou assim como,..., como se fosse filha. Na verdade não né. Elas (as patroas) falam assim, mas é só para explorar a gente mesmo. Aí ela (dizia): “Não, pode deixar que eu cuido dela”. E nunca me pagava salário. Eu era tudo. Eu era babá, eu ajudava ela fazer costura, eu limpava a casa. E fiquei ali até os 14 anos. Eu limpava a casa dela, limpava a casa da sogra dela, né. Cuidava das crianças. Era duas crianças que eu cuidava, mais o sobrinho dela. Enfim eu era uma faz tudo e nunca recebia, ela só me pagava assim: era só um vestidinho lá outro cá. As vezes ela ia consertar vestido de alguém que as pessoas não queria aí ela passava para mim e eu vivia assim, não é? De doativo, praticamente. Mas ela não me pagava o salário. (...)

Mas mesmo assim eu me revolttei. Porque o marido dela me batia. O marido dela sabe me humilhava muito, me chamado de tudo quanto era nome. E aí aquilo foi me revoltando. Me chamava de ignorante (Dona Tarsila).

Mesmo depois que conseguiu se desvencilhar da situação acima citada, ao conseguir se estabelecer com um trabalho que a remunerasse bem, segundo ela, pois ganhava quase um salário mínimo, a rotina de trabalho era tão cansativa que ela não conseguia frequentar as aulas do ensino noturno.

Aí comecei querer estudar à noite, mas como eu acordava muito cedo. Acordava sempre cinco e meia. Cinco, cinco e meia tinha que tá acordada para fazer o café, pro marido dela que saia 6 horas, seis e meia, ele tava saindo. Então eu tinha que acordar cedo para preparar o café pra ele. E,..., ele era o comandante, não podia chegar no quartel tarde. Ai eu tinha que acordar cedo, não aguentei ficar estudando à noite, também. Aí foi um dos motivos que eu não tive como estudar (Dona Tarsila).

Neste ponto observamos que a escola, apesar de estar próxima, se mantinha como algo inacessível para aqueles que, embora desejassem estudar, não puderam fazê-lo por priorizar o trabalho, isto é, a necessidade de trabalhar em detrimento a educação. Assim como nos diz Rummert e Ventura (2007), a EJA tem seu público nas frações mais empobrecidas da sociedade e, no caso dos nossos narradores, talvez nesta etapa de suas vidas não tenham alcançado "consciência de sua atividade e do mundo em que estão" (FREIRE, 1987, p. 51).

Se aplicarmos o conceito de motivação descrita por Ryan e Daci (2000), observaremos que a motivação externa, que seria a necessidade de trabalhar, é predominante a motivação interna, que neste caso é o desejo de estudar.

- A importância do apoio ou convite de outras pessoas

Dona Tarsila tinha vontade de voltar a estudar, mas só fez a matrícula quando sua irmã a estimulou a procurar a escola.

Minha irmã insistindo, “Volta, volta”. Há eu não tenho mais paciência, não tem mais idade para estudar. E ela (a irmã) falou: “Não, tenta. Vamos ali fazer a matrícula”. Ai eu fiz a matrícula. Fui para o coquinho⁴, ali do outro lado na praia Campista (Dona Tarsila).

- A dificuldade de encontrar uma escola

Também observamos que a falta de oferta da EJA no município, assim como do ensino regular na infância destes estudantes foi um elemento impeditivo tanto quando eram crianças quanto agora que já são idosos.

Dona Tarsila teve que procurar por vários bairros do município uma escola que se adequava à sua disponibilidade de horário. E quando encontrou no CMPA, levava mais de uma hora e meia de deslocamento entre sua casa e a escola.

Meu querido, hoje eu dou graças a Deus de estar conseguindo chegar até na escola. Mas quando eu comecei foi muito difícil para mim. Na,..., Quando acabou aqui no coquinho e me disseram pra mim que tinha como continuar aqui. Eu falei: Poxa vida. Eu quero continuar estudando, quero terminar meus estudos. Ai ela falou assim: “Olha, a senhora pode tentar vaga nas escolas de Macaé”. Ai eu tentei. Só tinha lá pro Leticia⁵, parece que lá nos Cavaleiros. Aqui no centro não tinha. Ai eu peguei e perguntei para onde tinha. Ele falou: “Olha pode tentar lá na serra”. Ai eu fui até no Raul Veiga⁶ para ver se tinha. Só que tinha só de dia. O EJA de dia, de manhã, no caso. Ai eu falei não. De manhã tem muitos jovens não vai dar certo. Ai ela falou para se vê se tem o Trapiche⁷. Ai eu fui em trapiche. Só que na escola de Trapiche já tinha acabado também com o EJA, não tava mais fazendo. Não tinha mais para adulto. O que é até uma pena porque tem muita gente em Trapiche que quer voltar a estudar e não volta por causa da dificuldade de ter que descer. Ai eu peguei fui para Córrego do Ouro. Lá em Córrego do Ouro eu consegui, né. Lá no Pedro Adami. É aonde eu tô até hoje, no

⁴ Colégio Estadual municipalizado Coquinho. Atende ao fundamental, 1º segmento. Localizado no bairro Praia Campista, distante do CPMA em, aproximadamente, 40 quilômetros.

⁵ Colégio Municipal Professora Maria Leticia Santos Carvalho. Atende o 2º segmento do ensino fundamental regular, e da EJA. Localizado no bairro Novo Cavaleiros, distante do CPMA em, aproximadamente, 40 quilômetros.

⁶ Escola Estadual Municipalizada Raul Veiga. Atende aos 1º e 2º segmentos do ensino fundamental regular, e o ensino médio regular noturno. Localizado no bairro Glicério, região serrana de Macaé, distante do CPMA em, aproximadamente, 12 quilômetros.

⁷ Escola Estadual Municipalizada Carolina Curvelo Benjamim. Atende aos 1º e 2º segmentos do ensino fundamental regular. Localizado no bairro Trapiche, região serrana de Macaé, distante do CPMA em, aproximadamente, 8 quilômetros.

Pedro Adami. Só que para mim chegar no Pedro Adami eu pego três ônibus todo santo dia.

E continua mais adiante.

Para mim pegar às cinco horas tem que sair daqui aqui no máximo três e meia ou quinze para as quatro, para poder eu tá lá cinco horas na praça, para pegar o de cinco horas, para chegar em Córrego do Ouro seis horas. Aí todo dia eu chego, às vezes, lá em Córrego do Ouro seis e meia, seis e quarenta, né (Dona Tarsila).

- O desejo pelo conhecimento

Outro ponto que encontramos nas três narrativas é o desejo, ou melhor, a sede por conhecimento. Estes estudantes têm consciência da falta que fez a educação em suas vidas, buscam, apesar de todas as dificuldades por eles descritas, aprender sempre mais e se sentem orgulhosos de suas conquistas.

Dona Tarsila, que estava as vésperas de sua formatura no 3º ano do ensino médio, citou a tristeza de uma pessoa idosa que não tem formação escolar. E com entusiasmo fala de seus planos para o futuro.

Mas é isso aí, a dificuldade é grande, mas eu acho importante para gente tentar terminar os estudos, por quê? Porque é muito triste você ser uma pessoa assim, vamos supor, e uma idosa sem ter conhecimento de certas coisas. Aí eu tô terminando o terceiro ano do ensino médio e a minha intenção é continuar estudando. Se Deus me abençoar, eu creio que eu vou fazer uma faculdade. Eu quero fazer biologia ambiental, para poder estudar sobre as plantas, terra. Enfim tem um conhecimento maior, porque eu gosto muito de planta. Eu gosto de plantar. Então se eu não fizer biologia, eu vou ver se eu faço agricultura, alguma coisa parecida que possa me dar esta base. E..., fazer cursinhos por fora, né. Eu já fiz um e vou continuar fazendo, né. Um cursinho por fora para poder, ..., tentar, ter mais conhecimento nos estudos (Dona Tarsila).

3 Afinal, quais as motivações que levam os estudantes idosos a buscarem formação escolar na EJA do CMPA?

Desenvolvemos esta pesquisa tendo por base a questão central apresentada no título deste tópico, ou seja, as motivações que levaram estudantes idosos a buscarem suas formações escolares na EJA oferecida no CMPA. Reiteramos que todas as análises que foram apresentadas nos tópicos anteriores, tiveram por base os conceitos de motivação e da teoria da autodeterminação de acordo com os estudos de Ryan e Daci (2000) e Bzuneck e Guimarães (2007).

Dessa forma, podemos aqui elencar o que consideramos como possíveis respostas:

- Incentivo ou companhia de outra pessoa para retomar os estudos. Embora todos os narradores tivessem o desejo de buscar formação escolar, isso só se deu quando foram convidados e/ou tiveram a companhia de outra pessoa que lhes desse apoio. No caso de Dona Tarsila, por exemplo, foi a sua irmã que insistiu que ela se matriculasse.
- Encontrar uma escola que atendesse às suas necessidades. A dificuldade de encontrar uma escola que atendesse suas necessidades, de proximidade e de acesso. Dona Tarsila

precisou visitar várias escolas do município até encontrar, a cerca de uma hora e trinta minutos de sua casa, o CMPA, que oferecia a série que ela estava apta e o horário que tinha disponibilidade.

- A vontade de aprender. Também nos chamou a atenção o desejo por conhecimento, Dona Tarsila, que durante esta pesquisa concluiu o ensino médio, já pensava em ampliar seus horizontes, continuar estudando, em curso superior ou técnico, o que consideramos como um bom exemplo de que a sede por conhecimento independe da idade.
- Obter maior respeito dos mais jovens e da sociedade em geral. Este foi um dos pontos que todos abordaram como grande motivação para estudar. É também o aspecto que consideramos mais surpreendente entre os analisados, por mostrar-se, via nossos narradores, como um dos aspectos centrais de motivação para retomarem seus estudos. Dona Tarsila relacionou o conhecimento ao respeito dos jovens mencionando, em especial, que na atualidade os jovens pouco respeitam os idosos, e, se estes não tiverem instrução o desrespeito é ainda maior.

Concluimos que a motivação desses idosos em buscar formação escolar na EJA é basicamente de ordem intrínseca, e buscou atender a três necessidades básicas: A necessidade de autonomia, a necessidade de competência, e a necessidade de vínculo. Estas necessidades estariam de acordo com a Teoria da Autodeterminação, defendida por Ryan e Daci (2000) e Bzuneck e Guimarães (2007).

Enquanto professores atuantes na EJA, e também enquanto pesquisadores dessa área, podemos destacar nossa percepção de sua importância em nossa sociedade, respeitando as histórias de vida de cada indivíduo que a ela recorre. Respeitando também a pluralidade desses estudantes, tendo por base até mesmo que muitos deles não objetivam especificamente a diplomação, mas além disso, e talvez mais importante que isso, objetivam ampliar seus conhecimentos, como caminho para sentirem participantes dessa sociedade, sendo adequadamente respeitados por ela. Eles estão em busca de algo que permeou toda a nossa pesquisa, o desejo de resgatar algo que lhes foi tirado: o direito à educação.

Referências

- Aulete, C. (2011). *Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (Org. Paulo Geiger). Rio de Janeiro, RJ: Editora Lexicon.
- Benjamin, W. (1994). *Obras escolhidas - Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense.
- Boruchovitch, E., & Bzuneck, J. A. (Orgs.). (2009). *A motivação do aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bourdieu, P. (1998). A ilusão biográfica. In M. de Moraes Ferreira & J. Amado (Orgs.), *Usos e abusos da história oral* (pp. 183-191). Rio de Janeiro, RJ: Editora da FGV.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em 15 de janeiro de 2019.
- Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2015). *Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base*. Brasília, DF: Inep.
- Brasil. Ministério da Educação e Cultura (MEC). (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em

<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2018.

- Brasil. Presidência da República. (2014). *Plano Nacional de Educação - PNE Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em 15 de junho de 2018.
- Bueno, B. O. (2002). O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: A questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, 28(1), 11-30.
- Bzuneck, J. A., & Guimarães, S. E. R. (2007). Estilos de professores na promoção da motivação intrínseca: Reformulação e validação de instrumento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(4), 415-422.
- Bzuneck, J. A. (2009). A motivação do aluno: Aspectos introdutórios. In E. Boruchovitch & J. A. Bzuneck (Orgs.), *A motivação do aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea* (pp. 9-36). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cunha, M. I. da. (1997). Conta-me agora!: As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista da Faculdade de Educação*, 23(1-2).
- Cury, C. R. J. (2000). Parecer CNE/CEB n. 11/2000, que dispõe sobre as diretrizes curriculares para a educação de jovens e adultos. Brasília, DF: MEC/CNE.
- Delory-Momberger, C. (2012a). A pesquisa biográfica: Projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. In M. C. Passeggi & M. H. M. Abrahão (Orgs.), *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica* (v. 1, pp. 71-94).
- Delory-Momberger, C. (2012b). Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, 17(51).
- Di Pierro, M. C., Joia, O., & Ribeiro, V. M. (2001). Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. *Cadernos Cedes*, 21(55), 58-77.
- Dias, J. C. de M. (2016). Uma vontade de que eu tinha de vencer e ninguém tirou. *Produção própria*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5Tha653xLk>. Acesso em 15 de junho de 2018.
- Fávero, O., & Freitas, M. (2011). A educação de adultos e jovens e adultos: Um olhar sobre o passado e o presente. *Revista Inter Ação*, 36(2), 365-392.
- Fávero, O., & Semeraro, G. (2011). Políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. In *Educação de jovens e adultos: Políticas e práticas educativas* (pp. 59-74). Rio de Janeiro, RJ: NAU Editora.
- Freire, P. (1967). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4a ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63.
- Haddad, S., & Di Pierro, M. C. (2000). Escolarização de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*, 14, 108-130.



- Passeggi, M., Nascimento, G., & De Oliveira, R. A. M. (2016). As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em educação. *Revista Lusófona de Educação*, 33, 111-125.
- Pineau, G. (2006). As histórias de vida como artes formadoras da existência. In *Tempos, narrativas e ficções: A invenção de si* (pp. 41-59). Porto Alegre, RS: Edipucrs.
- Rufini, S. E., Bzuneck, J. A., & De Oliveira, K. L. (2011). Estudo de validação de uma medida de avaliação da motivação para alunos do ensino fundamental. *Psico-USF*, 16(1), 1-9.
- Rummert, S. M., & Ventura, J. P. (2007). Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil: A permanente (re)construção da subalternidade. *Educar em Revista*, 29, 29-45.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist*, 55(1), 68.
- Saviani, D. (2013). A educação na Constituição Federal de 1988: Avanços no texto e sua neutralização no contexto dos 25 anos de vigência. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, 29(2).
- Souza, E. C. de. (2007). Biografia, histórias de vida e práticas de formação. In *Memória e formação de professores* (pp. 59-74). Salvador, BA: EDUFBA.
- Tapia, J. A., & Fita, E. C. (2015). *A motivação em sala de aula: O que é, como se faz* (11a ed.). São Paulo, SP: Loyola.
- Ventura, J. P. (2016). A oferta de educação de jovens e adultos de nível médio no estado do Rio de Janeiro: Primeiras aproximações. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, 4(8), 9-35.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre, RS: Bookman Editora.